



José Luiz da Luz

À Luz da
Poesia

À LUZ DA POESIA

José Luiz da Luz

1ª Edição
Agosto, 2010

Câmara Brasileira dos Jovens Escritores
Rio de Janeiro – Brasil

[*www.camarabrasileira.com*](http://www.camarabrasileira.com)

Conteúdo gentilmente cedido pelo autor
para distribuição gratuita
através do Portal Luz Espírita.

[*www.luzespírita.org.br*](http://www.luzespírita.org.br)

À Luz da Poesia

José Luiz da Luz

Índice

Prólogo – pag. 5

Introdução – pag. 6

A crucificação	– pag. 7
Alianças do interno ser	– pag. 8
Boa semente	– pag. 9
Cadáver	– pag. 10
Caminhante	– pag. 11
Canto fraterno	– pag. 12
Caridade	– pag. 13
Deus do Universo	– pag. 14
Enquanto	– pag. 15
Fragmentos	– pag. 16
Getsêmani	– pag. 17
Guarda-me à noite, Deus	– pag. 18
Há um Pai	– pag. 19
Ilusão	– pag. 20
Jesus vencedor	– pag. 21
Mães	– pag. 23
Não chora	– pag. 25
No caminho do bem	– pag. 26
No Natal	– pag. 27
No último suspiro	– pag. 28
O portador	– pag. 29
O tempo chegou	– pag. 30
Oração	– pag. 31
Páginas da Terra	– pag. 32
Pai Cósmico	– pag. 37
Pai Nosso	– pag. 38
Poema da luz	– pag. 40
Preconceitos	– pag. 43
Tênuos brilhos	– pag. 48
Viva o teu lado mais puro	– pag. 49
Volta, Jesus!	– pag. 50
Voz do ceticismo	– pag. 51
Dramas que não se findam	– pag. 52

Prólogo

A Poesia é linguagem universal.

Todos, sem grande esforço, são capazes de entendê-la, porque, de certa maneira, nela já nascem sabendo se expressar.

Um livro de poemas, ao contrário de muitos outros, jamais envelhece na prateleira. Não cria pó nem traça. Não perde em atualidade e beleza.

O poeta é sempre o médium do Arrebatamento!

Um simples poema contém, em significado, muito mais do que as palavras ou as rimas encerram.

Neste delicado livro, o poeta José Luiz da Luz, se faz intérprete dos *pensamentos e sentimentos nobres* que lhe foram inspirados.

De onde emanarão eles? Certamente, do País da Transcendência.

A quem pertencem? A todos os que, no corpo ou fora do corpo, sabem transcender!

Leia estas páginas e permita-se impregnar de suas bênçãos.

Cada poema falará ao seu inconsciente e tocará o seu coração!

Até hoje, ninguém soube distinguir um poema de uma prece.

Sendo, portanto, um livro de Poesia, este é também um livro de oração.

Oremos, pois!

Carlos A. Baccelli

Uberaba - MG, 21 de julho de 2010

Introdução

Encontrar a palavra certa para expressar os mais profundos sentimentos não é tarefa fácil, especialmente quando se vai falar da produção de alguém que demonstra tamanha intimidade com as palavras.

Certamente, a presente obra é fruto de muita dedicação, inspiração e amor, pois como o próprio escritor nos diz “Ninguém há de levar, senão o que há na alma”, e também que “O amor é o fundamento da criação”, por esses versos já se pode experimentar a sensação de que são como criação que vem da alma.

O amigo José Luís, ao criar seus poemas consegue falar, de forma suave e natural, de temas que assustam a muitos, como a morte, assim sutilmente nos diz que “É no último suspiro que se apaga a vida;/Rompe-se o cordão de luz que o corpo supria”.

Para nosso poeta, sensibilidade e espiritualidade são marcas de seus poemas, alerta-nos de que “Deus é esquecido,/ no afã mundano” e por isso vivemos na “louca selva tenebrosa,/ de caça e caçador”.

Vivemos tempos em que a frieza sobrepõe-se aos sentimentos mais puros e a descrença contamina os corações humanos. Vivemos tempos em que falar de Deus, para alguns, causa estranheza. Inversão de valores? Não para o nosso poeta, que nos presenteia com tão nobres e valorosas escritas.

Sua poesia, além de proporcionar uma leitura prazerosa, também contempla a função social ao falar das injustiças vividas pelos homens, dessa forma, denuncia-nos que ainda “Há mártires da fome no mundo inteiro,/quais negros escravos em chão brasileiro”.

O poeta mostra-nos as “duas faces” humanas, as antíteses que somos e vivemos, “Porque em parte somos alma e temos fé;/mas em parte somos corpo e duvidamos”.

Aos apreciadores da boa leitura, em “À Luz da Poesia”, nosso escritor apresenta cada um de seus poemas como uma das perfumadas flores de um lindo jardim que nos encanta, por ser uma bela obra do Criador. Deslumbrados, buscamos uma a uma, e aos poucos vamos suprindo nossa necessidade interna de completude. Agradecemos pelo perfume que ficará para sempre.

A crucificação

Pregado na cruz, na última gota de sangue,
entregou seu Espírito, o Filho de Deus!
Chorava a mãe Maria aos pés do filho exangue,
exausta das blasfêmias, dos cegos ateus.

A carne santa, agudos cravos perfuraram:
As alvas mãos que trouxeram os pães do céu;
os santos pés que em áridos chãos palmilharam.
E para coibir as dores, deram-lhe fel.

Na imolação da cruz, rogava ao Pai de amor:
“—Perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem”.
Na excelsa compaixão dos seres em torpor,
tal como as moscas, que em sangue se comprazem.

E a cega multidão num desvario insano,
de alterados gritos, sonâmbulos, sem luz!...
Bebia às bordas da cruz, o lodo mundano;
e açoitavam línguas, qual chicote na cruz.

No gólgota, posto entre dois ladrões ateus.
Mesmo em agonia, luziu sua virtude.
Deu luz àquele que O viu: O Filho de Deus!
Deu esperança da outra vida em magnitude.

No último suspiro, da crucificação,
a terra mergulhou nas trevas e no horror.
O sangue aspergido, haurido do coração,
fora o sagrado emblema do perfeito amor.

Alianças do interno ser

A vida é um rio profundo em pendor,
cheio de agudas pedras, quedas e emblemas.
Em seu curso só há duas águas serenas:
As águas da fé e do amor!
Alvas águas, águas ternas.
Fluidas do afã das cavernas.

A paz é um astro misterioso em furor,
luzente, só visto a quem busca às alturas.
Para atingi-la, só há duas sendas puras:
As sendas da fé e do amor!
Branças sendas, sendas ternas.
flores nascidas eternas.

A fé é a luz da alma, portal de esplendor,
ao infinito aroma da perfeição.
Que só há duas rotas para aquisição:
Pelo amor, ou pela dor!
O amor sublima às alturas.
A dor lava almas impuras.

O amor é o fundamento da criação.
Haure além da razão, além dos sentidos,
de dois santos altares enternecidos:
De Deus e do coração!
Deus é a fonte de luz,
o coração, O reluz.

Boa semente

Vi a dor marcar em faces de amarguras,
longos dramas invisíveis de torturas.
Que ostenta uma taça estranha e desvairada,
transbordante de fel, e de espinho ornada.

Vi chorar a carne e o espírito alquebrados
pelos espinhos do caminho apontados.
Porque há sementes que germinam fobias,
regadas às lágrimas em noites frias.

Na alma a dor chega irônica e transtornada,
com o sabor de semente envenenada.
E floresce a flor mal cheirosa e pungida,
inebriando os sonhos e ofuscando a vida.

A dor é astuta e diz: — “Cala-te imolado,
que é azedo o fruto do próprio pecado”.
Mas há sementes que dão frutos saudáveis:
Sementes de luz, de frutos infundáveis.

A luz é a lógica da terra fecunda,
à semente impura morrer infecunda.
que dissipa as trevas nas faces de dor,
e vem do alto infinito em preces de amor.

Mesmo a fé sendo a semente de mostarda.
Mesmo pequena, mas é o que Deus aguarda.
Poderá mover as montanhas que advém,
e fazer vingar a semente do bem.

Cadáver

Eu vi um cadáver no meio da vida,
que exalava sombrios os seus pecados:
fugiram da luz os seus olhos cerrados;
nem havia ternura na voz pungida.

Eu vi um cadáver fingindo viver:
de insensível coração petrificado;
de amor esquecido no sangue gelado;
era uma fonte que deixou de verter.

No parto dos sonhos, morreu agoniado.
Estátua de gelo, de braços cruzados;
não davam afetos seus punhos fechados.
Tornou-se uma pedra de um rio ensecado.

Por cima do mundo, mas longe do céu,
jogava os gritos pesados de langor:
pois não eram de paz, nem eram de amor,
mas eram espinhos jogados ao léu.

Cadáver triste, que do mundo esqueceu:
não sabia das lindas flores dos campos;
tão pouco, do cintilar dos pirilampos.
Era um corpo que andava, mas que morreu.

Caminhante

Caminhante, faz teu próprio caminho!
Porque é no avançar que ele é desbravado.
O futuro é um escrito enrolado,
no escuro secreto de um pergaminho.

Não deixes no longo caminho andado,
apenas pequenos rastros no chão.
Pois pequenos ventos os levarão.
Só germinará o que fora plantado.

Só se conhece o rumo pelo andar.
E ao olhar para os rastros do passado,
vê-se pelo chão o caminho andado,
e que jamais poderemos voltar.

No passado! Quando foi a partida?
No futuro! Como será a chegada?
E vem e passa!... A roda acelerada!
Passa tudo, passa o sol, passa a vida.

Nós passamos desvendando caminhos.
levamos saudades, deixamos rastros.
Passamos pelos jardins e alabastros,
cantamos flores, choramos espinhos.

Canto fraterno

Canta, passarinho, a tua poesia.
Ninguém saberá cantar o teu canto.
No palco do mundo vai teu encanto,
e nos rútilos céus verte harmonia.

Declama nas alturas sobre as cores,
dos lírios dos campos de aura brilhante.
Exalando afetos em terno instante,
cheirando o doce perfume das flores.

Estrelas dos campos, lírios dançantes,
na alma da brisa vestidos de alvura.
Nunca algum rei se vestiu à altura,
nem coroa brilhou, cores brilhantes.

Vai passarinho, arroja em tua glória.
Tua essência canora adoça os ares,
em salmos sagrados frente os altares,
tirando da alma a divina oratória.

Na roupas dos lírios, dorme a doçura,
túnicas puras bordadas de mel.
Na voz dos passarinhos, canta o céu,
em melodias de amor e ternura.

Caridade

Sou a caridade! O lume para as jornadas.
Que ilumina os caminhos dos seres assensos,
pondo nos corações reluzentes e imensos,
a coroa de luz das hóstias consagradas.

Almas cegas que vagais frias pelo chão.
Magros corpos, enfermos, desnudos, famintos.
Filhos de Deus alquebrados em labirintos,
que almejam migalhas de amor de um coração.

Como a flor que se desfolha ao fruto vingar.
Na aflição das dores, meu perfume se lança,
derramando glórias e dizendo esperança,
para as almas sem lenço, nem para chorar.

Eu trago a essência do céu! Sou a caridade:
A terrível amargura dos avarentos;
o berço lenitivo para os sofrimentos;
a voz que em segredo, fala a felicidade.

Sou a irmã da compaixão, a filha do amor;
as mãos do céu que fornecem o pão da vida,
que sacia a carne e lava a alma ferida.
Sou o puro perfume do Consolador.

Mostro a estrada que leva à direita do Pai.
Que pelo perfume de vossa caridade,
sereis conhecidos na espiritualidade.
E como Jesus amou, vós também amai.

Deus do Universo

Fecunda luz, do alto infinito a emanar:
que deu às flores o dom de colorir;
deu às ermas noites o dom de sonhar;
e às estrelas do céu o dom de luzir.

Nos teus raios vitais bailam as esferas.
Riem e marcham pela grande amplidão.
Do teu Espírito veio a luz das eras;
e do infinito amor, veio a criação.

Os astros navegam na mansão bendita,
celestes veleiros dos ventos de amor.
Guiados pelas mãos de força infinita,
em órbitas traçadas em esplendor.

Nas páginas do horizonte, luminosas,
está escrito em letras de sol: “Deus é amor”.
E as nuvens de ouro, navegam animosas,
deleitam com seus meigos raios de alvor.

Pai, Teu nome guarda insondáveis segredos.
Luz sem sombras que ilumina a imensidão.
Os níveos mundos, e os vales de degredos,
respiram o aroma do Teu coração.

Com teu amor, em todo o universo inundas:
no espírito e matéria, no tempo e espaço.
Lês nos filhos, as páginas mais profundas.
Abraças todos os filhos, num só abraço!

Enquanto

Enquanto houver um só gemido de dor,
ecoando pelos ares,
das entranhas dos lares,
da vida em desamor.
A paz será uma quimera inatingível;
um cometa vagante;
uma estrela distante,
no universo intangível.

Enquanto vibrarem em peitos lamentos:
de solidão, na liça,
de aflição, na injustiça,
na terra em sofrimentos.
Reinará uma louca selva tenebrosa,
de caça e caçador;
fuga e perseguidor,
na terra perigosa.

Enquanto a fome arrojara pelos caminhos:
as ruas, serão rios,
pelos ventres vazios,
à margem dos espinhos.
Vaga a civilização atada à cruz,
que na profundez chora,
aflita a Deus implora,
uma réstia de Luz.

Fragmentos

No templo do nosso corpo, há dois altares:
O da luz que ata ao céu, e o do escuro instinto.
Da absoluta moral que regra os manjares;
e o do acre animal, de deleites faminto.
Dois pesos conflitantes e uma balança.
Vítima e réu, em disputa da verdade:
Pois que em parte nós somos a temperança;
mas na outra face nós somos a ebriedade.
Férvido paradoxo do bem e mal.
Amor e ódio disputam-se às ventanias:
Pois que em parte nós somos luz divinal;
mas na outra face somos noites sombrias.
Somos joio ou trigo na gleba que andamos.
Já choramos, sorrimos, nos dois extremos:
Porque parte da vida é o que plantamos;
porém a outra parte é o que nós colhemos.

No mapa da vida, dois caminhos temos.
O do amor, ou da dor, que nós optamos:
Porque parte da vida é o que fazemos;
porém a outra parte é o que nós pensamos.
Corpo e espírito, terra e céu, nos compomos.
No chão seguimos, mas para o céu olhamos:
Pois nos construímos, parte do que somos;
porém a outra parte do que nós sonhamos.
Na estrada há montanhas de frio sopé.
Ora tropeçamos, ora as transportamos.
Porque em parte somos alma e temos fé;
mas em parte somos corpo e duvidamos.

Getsêmani

Trevas como a noite, e espinhos sobre a luz!
Suando sangue, em orações, o Filho de Deus,
viu nas fendas do céu seu cálice da cruz,
e o cheiro do sangue ofuscou os olhos seus.

Cobriu-se o céu de um manto bordado de dores;
Num fosso a terra ruiu, que trevas continha.
“— Pai, afasta de mim o cálice de horrores!
Mas, faça-se a tua vontade, e não a minha.

Previu o sabor do cálice da paixão,
ao escárnio dos ímpios, içado na cruz.
Os seus últimos brados foram de perdão,
aos cegos algozes que jaziam sem luz.

Num beijo incrédulo foi selada a traição,
pelos lábios de pedra, um falso mel verteu.
Judas Iscariotes pendido à tentação,
vergou a árvore pelo mau que cometeu.

Oh Getsêmani! Suas pedras e espinheiros,
viram o sangue de Jesus em agonia.
E as últimas súplicas de ecos derradeiros,
que abalaram o céu, qual raio que tinha.

E a luz divinal, O amparava na missão:
Dar-se a remir almas neste triste vergel.
Corpo e sangue, entregues à sagrada paixão:
“— Que se cumpra na terra os desígnios do céu!...”

Guarda-me à noite, Deus

Finda-se o dia, apagam os sentidos.
Uma tela de estrelas cobre o céu,
e na moldura, o silêncio é um véu,
que faz dormir para o mundo os ouvidos.

Nos olhos da noite os sonhos se lançam.
Se chora e ri, nas viagens da alma audaz.
Guarda-me à noite, Deus! Que eu durma em paz!
Livra-me dos maus sonhos que balançam.

Também guarda os que estão a prantear:
pelas calçadas úmidas dos prantos,
leva em teus braços ao doce recanto,
quem não tem um leito para deitar.

Nos leitos de dor, vem a noite aflita.
Conforta os enfermos a delirar,
que nem mesmo a noite os fazem sonhar,
secos a uma gota da água bendita.

Almas das noites de devassidão,
às vagas das sombras a delirar,
com taças de orgias a transbordar.
Inspira-lhes Deus a pedir perdão.

Guarda-me Deus à noite em teu amor.
Se eu adormecer e livre sonhar,
mas se do sonho não mais acordar,
Dá-me o consolo, meu Consolador.

Há um Pai

Como lacera o peito, a dor que chora!
Deitam-se heróis como um sino curvado,
vendo a vida, um cadafalso fechado.
Fugidios da fera que os devora.

Nos instantes de choro desfolhado,
que parece a vida não ter sentido.
Chora o coração, convulso e ferido,
sentindo-se no mundo abandonado.

Na solidão, vê esvaído o juízo,
e o tempo vazio parece louco.
Dorme o coração sonhando tão pouco,
sentindo tão distante o paraíso.

Se as decepções soam nuvens sombrias,
formando negras figuras nos ares.
Há sempre uma fresta, aos raios solares,
que vertem raios de luz e harmonias.

Se o mudo é cinzento! O peito esmorece,
das secretas dores de desventuras!
Há um Pai que ama todas as criaturas,
que tem a luz branca que resplandece.

Sempre um bálsamo de Deus aparece,
ao caminharmos num chão inseguro.
Que nos conduz em clarões pelo escuro,
quando elevamos ao céu uma Prece.

Ilusão

Pois que a beber nos dá este mundo inebriante,
a taça de vapor, cheia de ilusão.
Nas frentes cegas tem sido transbordante,
à fome de ouro, dos seres sem razão.

Real aos sentidos! Mas o que é um sentido,
senão a percepção do sabor da taça?
Que entorpece a alma, do peito embevecido,
mas não passa o mundo de uma vil fumaça.

Ninguém há de levar, senão o que há na alma,
nem colher a flor que não tenha plantado.
A morte despe o rei, mirrado, sem calma,
vendo a ilusão do ouro, do qual fora alçado.

Páginas desvairadas! Tudo ilusão!
De que valem as vaidades e opulências!
Se na morte exaurem frias sem ação,
anemiadas derretem as aparências.

Taça insana. Em vapor tudo se transforma
Murcham-se as flores, como ouro que desbota,
A incerteza de nuvem que se deforma,
que pelos ventos segue em incerta rota.

Ilusão! ... É um vil tesouro desnitrado.
De que vale o trono do rei, de fumaça,
se na morte não reina um cetro pungido.
Passam verbos, passam vidas! Tudo passa!

Jesus vencedor

Não! Não! Não! ... Três negações, três avarias!
Pedro aflito frente ao martírio da cruz,
pôs-se órfão fugidio em terras sem luz,
ao galo cantar as tristes melodias.

O Filho de Deus em loucos tribunais!
A água em que Pilatos, suas mãos lavou,
tornou-se o sangue que Jesus derramou.
Imolado por cegos espirituais.

“— Meu reino não é deste mundo.” — Aventava.
Rei do céu, de coroa de luz ungido,
na terra à coroa de espinhos tolhido.
De ser Filho de Deus, o povo O acusava.

Amaram as trevas, zombaram da Luz.
Ao emblema de Barrabás se anelaram,
no pão da vida vindo do céu, pisaram.
Grafaram com sangue a página da cruz.

Entre os algozes, um ombro apareceu.
Manchou-se do sangue impregnado na cruz,
quando carregou o peso de Jesus.
O ombro brioso de Simão, Cireneu.

Outro cravo, no seio da Mãe Maria:
O Bendito Fruto, a uma cruz abraçado.
Na via crucis o seu sangue gravado,
chorava pelo seu filho que sofria.

“— Tenho sede”. Os secos lábios sussurravam,
no árido Gólgota de sangue aspergido.
Vinagre! Deram num cálice pungido.
De corpo exangue, os sentidos se apagavam.

“— Pai, perdoa-lhes, não sabem o que fazem!”
Içado apiedava-se pela cegueira,
dos ímpios, tão ofuscados pela poeira,
das almas sem luz, que as trevas se comprazem.

No último suspiro: “-Tudo consumado!”
Lívido o corpo no madeiro tombou;
O elevado Espírito ao Pai entregou;
que em seus braços sagrados foi amparado.

No terceiro dia o sepulcro tremeu!
A voz de Madalena em raio ecoou;
Tomé incrédulo suas chagas tocou.
Era o Filho de Deus, que a morte venceu

“— Paz seja convosco” Na senda saudou!
Dos pobres discípulos tirou a venda,
que atava as almas aflitas em contenda.
Novamente à mesa, com eles, ceou.

“Ide pregar o evangelho” Ele proclama.
Em terras de lobos, se fazer cordeiros;
que das moradas de luz somos herdeiros.
À direita do Pai, vela os filhos que ama.

Mães

Cantai! Que há ventres criados para amar.
Como jardins fecundos, por mãos Divinas.
Há seios de ternuras para fartar,
fomes e sedes de bocas pequeninas.
Mulher! Além do simples dom geratriz,
é o dom mais divino de amar, que a condiz.

Sonhai! Que no ventre há um fruto de amor.
E na alma vós sentis que ele ama e palpita.
Nos nove meses de gestação e ardor,
na agonia do parto, o ventre se agita.
Mas com o filho ao seio, à paz conduz.
Louvais pelo milagre de dar a luz.

Às avós, sois ternas mães por devoção,
de face pendida das provas da vida.
Vedes a glória de vossa geração,
por vossos labores em terra sofrida.
Meigas mães de alma a sorrir e a embalar,
que a vossa missão, seja o bem, ensinar.

Às mães que partiram: Alvas num caixão...
É como um espinho cravado no peito.
Que arde, que queima, as fibras do coração.
A saudade é da alma, um sonho perfeito.
Não chorem ... Não morreram, foram à luz.
Não chorem... Foram para a paz de Jesus.

Chorai mães de abortos: À luz que findou;
Era um anjo do ventre que ao céu partiu.
De vosso seio o leite não o fartou.
Retalhos de vossa carne que ruiu.
Chorais mães de abortos, a Deus um perdão.
Molhais a cruz com prantos do coração.

Mulheres! Que não podeis ser mães de sangue.
De árido ventre, mas cheio o coração.
Amais os seres atirados ao mangue,
fazei-los filhos, que Deus deu por missão.
Que sejais vosso seio amor e ternura,
para lavar a alma e torná-la mais pura.

Aos pais viúvos, e que mães se tornaram;
Meninas, que ao tempo certo gerarão;
Viúvas, que em pais e mães se transformaram;
Mães enfermas, levamos nossa oração.
Mães de sangue, de espírito, de alegria.
Sede santas como fora a Mãe Maria.

Não chora

Se sentes a alma amarga ao sabor da cruz;
e o peito tremer aos ecos dos lamentos.
Se te fere os espinhos nos pensamentos,
sonhos que se entortaram perdendo a luz.
Não chora! Não estás só.
Há sempre um sol de esperança,
cintilando em temperança,
vencendo as nuvens de pó.

Se o teu corpo enfermo curvara na vida,
mesmo enfebrado ou de feridas ornado.
Num lodo infecto de sangue e pus banhado,
vendo apagar-se qual vela consumida.
Não chora! Há um anjo brilhante,
que te acolhe com ternuras.
Vem trazendo das alturas,
o teu celeste calmante.

Se as tuas pálpebras são quadros de dor,
pintados pelos teus prantos ressentidos,
no altar da vida, aos sentimentos feridos,
roçando o peito a pedra do desamor.
Não chora! Há um anjo de amor,
de céu todo perfumado,
que leva o pranto rolado,
aos pés de Nosso Senhor.

No caminho do bem

A terra é uma névoa sombria,
ofuscada em gotas de dor,
onde só um caminho alumia:
O perfumado pelo amor.

As dores são cravos cravados,
rasgando o madeiro da cruz,
que somente são arrancados,
pelas mãos do Mestre Jesus.

Se sofres na vida desdém,
calúnia, dor, perseguição!
Não revides, age no bem,
no perfume do teu perdão.

Há ecos no mundo de lamentos,
vindos de almas e de corações.
Tédio não cura os sofrimentos.
Só se cura, com orações.

Se almejas na terra farturas,
deixando a espiritualidade.
Saibas, só se leva às alturas,
o tesouro da caridade.

Se almejas a felicidade,
deseja ao próximo também.
Só se eleva na eternidade,
na fé, e no caminho do bem.

No Natal

Oh, meu Jesus! ... que em Belém dormia,
sob o flamejar da estrela egrégia,
que no céu do oriente o velava.
E os anjos do céu que enternecia,
davam glórias a Deus, da aura régia,
que alva, de luz o mundo banhava.
Oh, meu Jesus! ...

Maria, entre as mulheres Bendita.
Pelo santo leite que fartou,
na manjedoura o filho de Deus.
No auspício de Herodes em desdita,
o Santo fruto do ventre atou,
com infindo amor nos braços seus.
Oh, meu Jesus!...

E os três magos na noite ao luar,
tão ledos ante o fruto de amor,
ofertando presentes de luz.
Viram-no em espírito, a adorar;
Viram-no mais belo do que a flor.
E prostraram-se aos pés de Jesus.
Oh, meu Jesus!...

No último suspiro

É no último suspiro que se apaga a vida;
Rompe-se o cordão de luz que o corpo supria;
Fecha-se a porta ao corpo, abre-se a da partida;
Rasga-se o véu que os portais da morte encobria.

Verás num segundo toda a cena da vida:
Quanto inúteis são os poderes e vaidades.
Se não impedem o espírito da partida;
se são vis às leis de Deus e suas verdades.

Que as quimeras findam em frívolas lodosas,
absorvidas pela fome da terra fria.
Deságuam do sangue, as taças cheias gloriosas,
e escurece o tesouro que outrora luzia.

Verás que a vida fora uma página breve,
e que escreveste com os teus suores, vapores.
Quantos castelos edificadas de neve.
Se esqueceste de amar, foram bens sem valores.

E terás que deixar todo o ouro decadente,
pois só se leva o que cabe no coração.
Os bens estão em si mesmo, na alma luzente,
pois os bens do mundo ficam poentos no chão.

Que página escreves? Quais tesouros apinhas?
O que transborda, o teu cofre ou teu coração?
Que seja rumo à luz, a estrada em que caminhas,
e a página seja uma história de ascensão.

O portador

Agora que vês que o mundo é uma selva:
que o sangue é rasteado pelo predador,
deixando carcaças de vida na relva.
Agora que vês! Do que tu és portador?

Quando a injustiça abre um sepulcro nos sonhos,
e as almas cansadas são presas da dor.
Vem o embuste do mundo em choros risonhos,
trazendo a morte em falsa moeda em fulgor.

Vês que há tantos cegos nesta escuridão,
contando o peso do ouro ao preço dos pães.
E há pó na boca, dos famintos no chão,
anelados pelas correntes dos cães.

E agora que vês a descrença da luz!
O amor e a vida se tornaram ficções.
Levaram às cinzas as tábuas da cruz,
queimaram pelo gelo dos corações.

E agora que vês! Do que tu és portador?
Dos olhos da águia que caçam frágeis vidas,
ou da rosa que exala néctar de amor?
Aprazes com as rosas, ou com feridas?

O tempo chegou

O tempo chegou: do lodo da face;
Que o vento zombou do fogo da vela;
E a morte nasceu no berço do impasse;
E o ouro germinou no altar da capela.
A aridez acordou;
À fé a água esfriou;
Há nevoeiros de pó,
pelos olhos, sem dó.
O tempo chegou: do tempo da guerra;
Que a taça de sangue, o chumbo esturrou;
Mancharam a água no ventre da terra;
Não há tantos pães, o joio viçou.
A luz tornou-se fraca,
pela ponta da faca.
A voz morreu à míngua,
do veneno da língua.
Há gula e jejum na lavra de sangue.
O trono é de vidro, o rei de vapor.
A chave não fecha, já está tão Languê.
Morrer na praia nadando na dor.
Ah, se as pedras amassem;
Se os túneis acabassem;
Se amanhã eu morresse;
Se a semente nascesse.
Há figuras nas pálpebras do mundo,
dizendo as lágrimas no escuro espaço.
Que vagam, como num sonho profundo;
Amando o ouro de adúltero mormaço.

Oração

Senhor! Rogamos-te piedade,
pelos que padecem na ansiedade,
e que vagam na vida sem luz.
Senhor! Mostra-lhes o rumo puro,
àqueles que seguem pelo escuro.
Envia-lhes teu filho Jesus.

Farta-lhes do Teu pão,
também do Teu perdão.
Dá-lhes o pão da vida,
e a água de luz provida.

Senhor! Rogamos-te piedade,
por tantos filhos na crueldade,
e que aumentam o peso da cruz.
Senhor! Mostra-lhes o Teu amor,
àqueles que só vivem na dor,
Dissipa as trevas com tua luz.

Vem, Espírito Santo,
secar o nosso pranto,
findar a nossa dor.
Nosso Consolador.

Páginas da Terra

I - Duas faces

(Poema premiado no Delicatta IV de São Paulo)

Cintilam os mármorees da potestade,
refletindo a prata em noite enluarda.
Reluzem-se faces ao dom da vaidade,
e dos lustres de cristal, de luz dourada.
Saciam-se palatos em pratos de ouro;
Exculpem-se faces ao dom da altivez.
Pairam astros no celeste miradouro,
quais pérolas das joias da alta honradez.

Trono de ouro ou pó. Chama ou lama o brasão.
Carros blindados adornados de alteza,
par em par com carrinhos de papelão,
traçadas pela convulsão da pobreza.

Por que vêm sem pão? Galgam quase sem nome.
Por que pouco teto se é imenso o espaço?
Fitam o céu com os pés no pó, com fome.
— Onde o céu começa? Onde finda o embaço?
Dois ventres e duas civilizações:
O que está extasiado, e o que está anemiado.
Que come o pão, e o que o sorve dos lixões.
Que ri convulso, e o que chora aculeado.

A furiosa chuva nas mansões entoa,
canções embevecidas sobre os vitrais.
Ao pobre casebre, é serpente que ecoa,
aos pingos rotos de venenos mortais.

II - Águia dos lixões

Albatroz! Planas sobre a dança do mar,
vendo estrelas nas ardentias douradas.
Ave de rapina! À espreita a disputar,
com homens, nos lixões, as sobras jogadas.

Negra ave de rapina! Águia dos lixões...
Que resvala as nuvens em tristes visões.
O fogo dos teus olhos vê fome e dor,
Às névoas de moscas! Meu Deus, quanto horror!...

Pousa, sobre o pútrido elo das loucuras.
Ladeando pés e patas, em infectas cenas.
Ventres famintos, só querem pães, apenas,
no turbilhão sob o odor das amarguras.

III - Fome

Fome não tem cor, mas tem face de horror!
Que importa a raça, terra de qual pendor.
É o vácuo do sangue, o inverso da glória.
Fenecem às bordas sombrias da história.
Olhai! que a morte é divina, debruçados.
Filhos sem sonhos e hálitos anemiados.
Animais, homens e pratos de amarguras,
disputam-se qual sonâmbulas figuras.

Há mártires da fome no mundo inteiro,
quais negros escravos em chão brasileiro.
Há outras peles, raças mais, jazem ao chão:
Bantos, brancos, negros, tantos, sem razão.
Na África há ecos de dor, que fremem.
No liame do preconceito à fome gemem.
Ainda escravos, sem açoite, sem mordança,
de ocas vísceras jogados à fumaça.

Na Índia o Taj Mahal bilha às peles morenas;
E o ahimsa de Ghandhi, às armas serenas;
O amor de Teresa em Calcutá faminta,
mãe dos filhos de esperança quase extinta.
Negro Haiti! Rubro ao sangue em grotescas cenas,
decepadados homens choram cantilenas.
Negras mães, lívidos filhos espantados,
sem o cheiro dos pães, têm ventres mirrados.

Beijam os capitais, insanos cometas,
como roçam nas luzes as borboletas.
Mas nas sombras dos obeliscos há prantos,
de fome e dor, na cadência dos espantos.
Na Luz de Eiffel, Strip, Burj Al Arab, há clames,
dos assolados pelas cifras infames.
Ri-se, com a irônica valsa estridente...
de pungida lira à boca da serpente.

IV - Calcam e juntam dos lixões

De excrementos e pútridos, a se banhar.
E caminhões de lixo a aspergir varejeiras.
Eu vi!... Legiões humanas sobre as estrumeiras...
Eu vi!... Com as moscas, horrendas, a chorar.

Seios poentos, os filhos sugam das mães;
Ventres pungidos de verminose morrendo;
Mãos juntam os recicláveis, trocam por pães,
sob o escuro suor de pó, escorrendo.
O doente arqueia, o ancião cambaleia.
Outros de aleijões, que o verme no chão tenteia.
Outros a drogas e álcool, algemam a vida,
e enlouquecem na mísera cena sofrida.

Erguem-se livres p'ra morrer, vivendo à toa.
Com a peste no passo, e os filhos nos braços.
com lágrima que escoa da alma que ressoa.
A correntes, algemas, espectros sem aços.

Paira a ave de rapina sobre tanta dor,
dos filhos de Deus, com os animais em par.
Por que não levas, ave ligeira, em teu alar,
ao longe, às negras asas, tanta fome e horror?

V – Orar

Olha-se o passado, se fez tudo quase errado,
e o tempo passou.
Mas no presente, se vê o amor quase ausente,
e pouco mudou.
Neste altar escuro, que uma luz no futuro,
possa iluminar.
De atadas mãos, que todos sejamos irmãos,
e juntos, amar.
Que o amor seja fecundo, na alma do mundo,
possa germinar.
Mas enquanto isso não vem, o que nos convém,
é apenas orar.

Pai Cósmico

Decifrá-lo! Quantos olhos cegos tentaram.
Desvendar a lógica do Criador Perfeito.
Pai do universo, regra da causa e do efeito.
De olhares atrevidos, na luz se ofuscaram.

Defini-lo! Quantas letras mudas ousaram.
Pobres letras, que não traduzem o invisível,
nem páginas cheias dizem o incompreensível.
Ousadas mãos somente vapores riscaram.

Reina o Criador que tudo vê nas alturas,
no espírito e matéria, no tempo e espaço.
Nada há, fora do círculo do seu compasso.
Mede a sua balança em corretas mensuras.

O Pai Cósmico! Brilho infinito de amor.
E brilha a estrela de cinco pontas no oriente,
como os braços abertos de luz abrangente,
a derramar caudais de harmonia e calor.

A estrada de acácias leva ao céu estrelado,
as lágrimas da beleza da criação.
Pai Cósmico, fogo cintilante em ação.
Auras multicoloridas!... Um céu ornado!...

Há na cruz uma rosa de luz aspergida,
que ilumina os portais do nosso templo escuro,
e perfuma os espinhos do caminho obscuro.
Há um portal, ornado de uma taça pungida.

Pai Nosso

Pai nosso, que estás nos Céus de alvor,
no aroma do universo em fulgoras.
Fonte dos mundos e criaturas,
que sorvem teu hálito de amor.

Seja o Teu nome santificado,
que exala perfeição no infinito.
E nesta terra seja bendito,
e nos corações glorificado.

Venha a nós o Teu reino de amor;
de justiça, harmonia e verdade;
perfumado de felicidade;
Reino da paz de Nosso Senhor.

Que seja feita a tua vontade,
que inunda os mundos espirituais,
e nos densos mundos materiais,
que refletem a tua bondade.

Dá-nos o pão nosso a cada dia.
O pão de luz para a alma luzir,
e o pão do mundo ao corpo nutrir.
Pão da vida, que em paz, dá alegria.

Perdoa-nos os nossos pecados,
culpas no livro de Deus grafadas.
Ensina as nossas almas cansadas,
sempre a perdoar os cravos fincados.

Afasta a taça da tentação,
que transborda e inebria os sentidos.
E decifra as letras dos gemidos,
que ecoam na alma e no coração.

Livra-nos dos caminhos do mal,
molhados das lodosas feridas;
deixando a alma e a carne doridas.
Leva-nos, com teu cetro real.

Dá-nos fé, para que nós possamos
amar como Jesus nos amou,
e perdoar como nos perdoou.
E nos negros lodos, não caiamos.

Erguemos-te a nossa devoção.
Que haja um branco altar da caridade,
ornado com o ouro da bondade,
no calor do nosso coração.

Poema da luz

Senhor! É nestas roucas vozes deste mundo,
sedentas e cansadas, que há ânsias por ternuras.
Neste degredo almejam teu amor fecundo,
e uma réstia de luz, às tuas criaturas.

Neste templo de carne, eu te voto, Senhor!
Com a minha alma em chama, no meu peito clama,
e respira o teu sagrado hálito de amor.
E agradeço-te, por ser o Pai que nos ama.

Obrigado, porque dás a semente eterna,
que germina os mundos, vidas e consciências:
Às flores, alvares, à natureza terna.
Pelo teu amor que supre as nossas carências.

Pelo pão de luz que sacia a alma faminta;
Pelo pão da terra que dá à carne o vigor;
Pela criação à tua imagem distinta;
Pela alma que temos! Obrigado, Senhor.

E pelos meus pés e mãos, meu Senhor fiel!
Pés que conduzem o corpo às sendas do mundo.
Mãos que em preces levam a alma às luzes do céu.
Feitos perfeitos, para o trabalho fecundo.

Braços que acolhem, recolhem! Mãos que semeiam.
Pernas que correm, socorrem! Pés que desterram.
Perdão, Senhor, aos que rastejam, que vagueiam,
enfermos da alma e da carne, que desesperam.

Perdão aos cingidos da carne, aos aleijões,
e aos de alma mutilada, ébrios para o amor.
Para que ao vencerem as provas e expiações,
Possam sair da prisão, por Nosso Senhor!

Obrigado pelos olhos que trazem à alma,
o cenário do mundo e a glória das cores;
A lua aspergindo raios, insone e calma,
cintilando de prata as pétalas das flores.

E aos cegos da carne que andam na escuridão;
E aos cegos da alma, de olhos de pedra, insensíveis,
que olhando não veem, com véus no coração.
Abre os seus olhos, Senhor, pois que são falíveis.

Dá-lhes luz para os que sorvem em aflições,
o sabor das lágrimas, às vagas da dor.
Para que ao vencerem as provas e expiações,
possam receber a luz, de Nosso Senhor.

Obrigado! Porque ouço a Tua voz, Senhor!
Ouço-a na alma do mundo, nas vozes do vento,
na voz da criança perfumada de amor,
nas cantorias dos pássaros ao relento.

Ouvidos que ouvem as preces das mães aos filhos,
e as frouxas vozes dos irmãos no pó da rua,
junto aos ecos dos cães, pela noite, andarilhos!
Nas calçadas, geladas, ao clarão da lua.

Ouvidos que ouvem as lágrimas das histórias,
daqueles que estão em resgate nesta vida.
Que ouvem no silêncio das noites merencórias,
o delírio dos ventres, da fome escondida.

E aos surdos da carne que o silêncio os agride.
E aos surdos da alma, mesmo ouvindo nada escutam.
São filhos no silêncio à espera na lide.
Abre os seus ouvidos, Deus, aos que não desfrutam.

Tira-lhes os véus dos que estão em aflições.
No vácuo silêncio, na solidão, na dor.
Para que, ao vencerem as provas e expiações,
de alma transparente ouçam, porque Deus é amor.

Obrigado pela minha boca, Senhor!
E pela voz perfeita que clama, que chama.
Voz do peito, que afeito, faz preces de amor,
que soa o som de ninar, e versos declama.

Voz caridosa, perfumada, que levanta.
Que embevecida chora e ri, que voa, e entoa.
Livra-me Deus, daquela voz que fere e espanta,
de hálito sutil, mas que é um buril, que magoa.

Aos mudos da carne, de vozes algemadas;
Aos mudos da alma, que falando, nada dizem.
São as sementes latentes, por Deus regadas.
Limpa-lhes as vozes Deus, que amor, sonorizem!

Tira-lhes o selo de horror das restrições,
das bocas sem eco, sem canto, sem alvor.
Para que ao vencerem as provas e expiações,
à chave da prisão, dirão preces de amor.

Obrigado por meu corpo inteiro, Senhor!
Que puseste na terra azul, de estradas mil.
Para o espírito aprender o puro amor,
conhecer a luz, perdoar, e ser servil.

Mesmo se enfermo, mutilado! Mesmo em dores!
Agradecemos, Pai, porque nos deste a vida;
Pela luz que preparaste após os labores;
pela depuração da alma, à senda dorida.

E que haja amor sendo pai, mãe, filho, irmão;
Sendo esposo, esposa, que haja alvuras, ternuras;
Amigo, ao pobre inimigo, que haja o perdão;
E do berço ao túmulo, plantemos canduras.

Há muito a agradecer, porque és o Criador.
Por tudo que vejo, e que fazes em segredo.
Obrigado porque deste o Consolador,
que nos conforta neste plano de degredo.

Preconceitos

I Pedras

Há pedras nos corações doidas a rolar,
esculpidas pelos egos enlouquecidos.
Constituídas por preconceitos descabidos.
Vão soltas como as borboletas ao luar.

Vão escumadas adornando o íntimo altar,
onde se professam conceitos, pré-aceitos.
Aos pés do “deus da diferença”, votam-se eleitos,
de sangue azul, num cálice de ouro a brilhar.

Há dois altares, como os ramos bifurcados,
que a universos distintos estão apontados:
O de negro véu, ou o de fulgor eterno.
Qual dos dois leva ao céu? E qual leva ao inferno?

Por que tão longo o cisma se curta é a vida?
Se as nuvens no celeste azul pairam molhadas,
e a cor do sol flui pela fresta adormecida,
pintando os ares qual pétalas desfolhadas.
Não sabe a natureza, qual pendão, qual raça.
Derrama a todos os filhos a sua graça.

II A chuva

Desce a chuva... canta mais. Suspenso oceano!
Molha... lava... mas não pode lavar o humano.
Rotos pingos, como outras lágrimas de dor.
Que veem na terra? Divisões de amarguras!
E olhos opostos de tétricas criaturas.
Em cenas de preconceitos... Meu Deus! Que horror!

Há lábios vertendo orações,
pulsando lodo os corações.
Há letras dizendo união,
mas lendo a alma, separação!

III Preconceitos

Nas calçadas avernais: pobres, andarilhos!
Sob as chamas os vitrais cintilam aos brilhos,
da carne humana a queimar...
Jazem no arfar de agitos... nos ecos dos gritos...
Ateados fogo nas calçadas dos aflitos.
Tão horrendos a queimar...
Ontem brilhou as fogueiras da inquisição,
E os tijolos em Auschwitz, na concentração.
Hoje é o pó, a brilhar.

Negros filhos de Deus. Negras nações sugadas.
Prendem correntes de serpentes aneladas,
de ocultas escravidões.
Pintaram sudários em navios negreiros,
e constelações com sangue em chãos estrangeiros,
às dores em erupções.
Se açoites não mais estalam, nem sangue exalam,
mas rolam as pedras, infectas que se instalam,
em pútridos corações.

Onde estão as fogueiras, das noites fagueiras.
Índios de pele nua das noites de lua,
nos seus rituais a dançar?
Soluça a cascata aos dizimados da mata.
Meu Deus! Enxuga o sangue com os mantos teus,
e leva ao sagrado mar.
Áureas plumas, azuladas, rostos pintados.
Hoje desdenhados, são pássaros fechados,
com pouco céu a voar.

Almas que ressoam as dores amarradas.
Deficientes vêm, vão, seguem nas calçadas,
abrasivas a ferir.
Riem-se as pedras mostrando dificuldade.
A cada passo sente-se uma imensidade,
e uma colina a subir.
Enquanto o capital acena a áurea bandeira,
chora-se um mar numa só gota verdadeira,
sem trabalho conseguir.

la Madalena, e seduzia à melena.
Outras desregradas, famintas, algemadas,
as escravas do prazer.
Lascivos passos, e filhos sem pai nos braços,
leite alterado, a entorpecente temperado.
Langues ventres a sofrer.
A primeira pedra atira, esmera a mira,
mas do olho tira, tua trave que delira,
que faz o amor se esconder.

Enfermos idosos, galgam passos dormentes,
que prendem outras tantas sólidas correntes,
espancados sem perdão;
Ciganos de Sara Kali, magos dançantes,
que fogem no mundo, andorinhas viajantes,
das pedras sem compaixão;
O Apartheid da África do Sul acabou?
Vil papel. Vírus que no mundo se espalhou,
cantando separação.

IV Deus

Deus, onde estás? Onde a tua face alcança?
Pensava-se um rei num trono nas alturas.
Buscava-te além no infinito em pujança,
mas estavas no seio das criaturas.
Deus! No universo do Teu nome existimos.
Vidas revividas: nascemos, partimos...

Juntam-se os rios no mar acolhedor.
Na terra, os rios são águas separadas.
Deus negro, branco... Na terra em desamor.
Na pele, na cor, nas sementes plantadas.
Deus tudo, Deus mar. O infinito comporta.
Toda a criação, o Teu nome reporta.

Do ínfimo ao supremo a Tua face alcança:
A fome do faminto, a dor das feridas;
O rumo das vagas, pés sem esperança.
A vida do universo, vida das vidas.
Sóis e moribundos, Teu olhar se lança,
Deus tudo, Deus mar, que ama com semelhança.

Rolam pedras neste mundo tempestuoso,
do viver e do agir, rolam sem parar...
Fabricam dores nas águas sem repouso,
e vão nos corações, doidas a rolar.
Deus tudo, Deus mar. Estenda Tua mão,
onde houver lágrimas e separação.

V Imagens do mundo

Imagens do mundo,
de clareza pouca,
enfebrada e louca,
qual fosso profundo:
Morredouras vidas;
chegadas, partidas...
almas renascidas.
Nem sábio, nem forte,
sapiência e ciência,
não fogem à morte.
Quem tem na acepção,
a separação:
O que nutre igual,
a gleba dos sonhos,
do orgulho fatal;
dos frutos risonhos,
que recria um mundo,
de imagens sombrias,
de sombras vazias,
de um fosso profundo.

Tênuos brilhos

São tênuos brilhos como estrelas distantes,
no íntimo do espaço ocultando a beleza.
Brilhos cansados em peitos discrepantes.
Presos na carne: Pelo amor na incerteza!

O perdão é mais sublime que a razão;
O tempo sem amor não cura as feridas;
A fé sem obras é dogma de ilusão;
Pães não doados são moedas perdidas.

Brilhos anêmicos! Joias em pedaços.
Mão sem doação é rosa sem perfume;
Braços sem abraços são cordas sem laços;
Amor sem expor é uma estrela sem lume.

Nas mãos nasce o que na alma foi plantado,
pelas obras se conhecem as sementes.
Se vê o dom dos verbos no hálito exalado,
e o dom do divino amor, em mãos serventes.

Amor! Bandeira com as cores do céu,
ondulando aos hálitos dos corações.
Hasteada no altar aspergido de mel,
luzindo o brilho de mil constelações.

Tênuos brilhos, às sombras dos desvarios,
se o que é amado no mundo é a matéria.
Jazem abraçados aos cofres sombrios,
de alma vazia, vendo-se na miséria.

Viva o teu lado mais puro

Jesus Cristo, Rei dos céus.
Que fulgura nas alturas,
amparando as criaturas,
tão trementes e inseguras,
nestas terras de escarcéus.

Filhos que anseiam a luz,
dos portais da eternidade.
Amem a Deus de verdade,
praticando a caridade,
como praticou Jesus.

Serão muitos os chamados,
mas poucos os escolhidos.
Por palmilharem tolhidos,
aos deleites descabidos,
do puro amor desviados.

A Terra é um mar de dores,
chão das morredouras vidas,
berço das almas nascidas.
Porém, se amares nas lidas,
tu verás um mar de flores.

Nada vai te derrubar.
Apaga o teu lado escuro,
viva o teu lado mais puro.
Porque o teu passo inseguro,
Deus fará se iluminar.

Volta, Jesus!

Volta, Jesus! Pois há vozes que choram.
Dias de paz, onde estais? Quanta dor!...
Amargam-se peitos em desamor,
neste mundo, em que os seres se devoram.

Vem, Jesus, trazer o teu lenitivo,
para as lágrimas que amargam as vidas;
para os clames de almas estremeçadas;
e aos exilados do mundo cativo.

Filho de Deus Pai, vem nos acolher!
Tu suaste sangue no horto da aflição,
e com sete espinhos no coração
conheceste também o que é sofrer.

Bendito seja o teu justo juízo.
Que teu reino de amor e paz assome,
e apague o pecado que nos consome.
Traga-nos a luz do teu paraíso.

Tua volta prometida é esperada.
Quem padeceu, calcou a sepultura,
mas ao céu subiu cheio de ventura.
Volta, Jesus! Com a aura iluminada...

Voz do ceticismo

Há ecos intoxicados,
dos venenos das vozes.
Que esvoaçam quebrados,
são furiosos algozes.

Vãs vibrações,
céticas, frias.
Mentem canções,
sem harmonias.

Seguem como infratores,
e se aventam impuras:
Pois não falam de amores,
e nem falam ternuras.

Deus é esquecido,
no afã mundano.
Lodo fervido,
o homem profano.

Deus! Limpai nossos ares,
brilhai cerúleo manto.
Às nuvens nos vagares,
vertei o vosso encanto.

Dramas que não se findam

Capítulo I

Havia um Rei altivo, e um trono dourado.
Chamava-se Rei Per Se, de olhar apagado.
No seu reino de espadas, flutuavam jóias.
Degustou à farta dos veludos e glórias.
Mentiu o trono, ser eterno o ouro luzente.
Pensava ser rei à morte, ao corpo jacente.
Curvara ao ver sua Rainha Ara, sem vida!
Lívica, sem trono, sem coroa, pungida!
Complicara o ventre, o filho deixou ao léu.
Deu a luz do mundo, ganhou a luz do céu.
Como o luar sobre o oceano profundo.
Voou para o céu. Ficou o filho no mundo.

Capítulo II

Entre o Rei e aquela madona havia amor!
Que suspirou na agonia do quarto à dor.
Lembrando-a nos nevoeiros da cerração,
Que fluía das cavernas do coração.
Pobre Rei, tão convulso à espreita disfarçado.
No vácuo do reino, qual um sino curvado.
Fizera-se ebrioso nas torres sombrias.
De gemidos convulsos pelas noites frias.
E o pajem da corte, afeito às noites douradas,
Do Rei apiedou-se, em lágrimas assoladas.
Ouvindo seus delírios: - Meu amor, adeus,
Que vazio o mundo, nos tristes olhos meus.

Capítulo III

Sobre as frias vagas do mar, o pajem viu,
 Que ébrio o rei, desmaiado na água submergiu.
 Nos braços o tomou, levando ao capelão.
 Gemendo acordou, confessou-lhe o coração.
 -Vida, eis que é breve!... Morte, eis o que nos destina!
 Seremos? Ser ou não ser? Tudo ou nada a sina?
 Eternidade, ou o ser findará de vez?
 Cismava os mistérios da morte em languidez.
 O Capelão Sextus pensara que era irmão,
 Da própria Rainha e usou da posição.
 Teceu cilada para tomar-lhe a coroa.
 E o órfão Príncipe herdeiro deixá-lo à toa.

Capítulo IV

O capelão instigou-o, à rainha alçar.
 Do cemitério, fria, o seu corpo tomar.
 E pô-lo no átrio, num caixão de ouro lustral.
 Cingido por uma redoma de cristal.
 Fidalgo astuto, à espreita ditou ao arqueiro,
 Que havia voz na campa de estranho brejeiro.
 O bravo lançou uma flecha velozmente.
 E desferiu-lhe no peito carnudo e quente.
 No clarão do archote, com a aproximação,
 Exauriu-se ao reconhecer seu Rei no chão.
 Abraçado à rainha lívida sem vida.
 E uma flecha no peito, de sangue tingida.

Capítulo V

Sua boca as últimas ditas discorreu:
 — Finda-se aqui nesta noite o que Deus me deu.
 Sombras da morte já apagam os meus sentidos.
 Vidrando os olhos, emudecendo os gemidos.
 — Não temo mais a noite, vou em paz voar.
 Bravo, guarda o meu filho das vagas do mar.
 Arqueiro, em guarda! Acertou o meu coração,
 Mescla às lágrimas meu sangue frio no chão.
 Desfaleceu, dormiu!... à rainha abraçado.
 Pela treva da culpa o bravo arqueiro alçado.
 Com a boca convulsiva soltou um grito.
 Ao uma flecha cravar-se, no peito aflito.

Capítulo VI

E o capelão fez covas e os três enterrou.
Respirando glórias, foi ao paço e gritou.
De coroa real, no trono auto empossado.
E para provar ser um Monarca enviado,
À plebe falou ser apóstolum divino.
Pura linhagem de Dom Sanctus peregrino.
Com rotas vozes, vetor dos céus, eloquente.
À alcunha de semideus, um puro demente!
Fez de serviçal da corte o Príncipe herdeiro,
Que na longura do suplício verdadeiro,
Jovem, fugiu a uma ermida. Ser eremita!
Meditar, buscando a sapiência bendita.

Capítulo VII

E feito Rei, leu nas letras confidenciais,
fora adotivo, mas aceito aos serviçais.
E mesmo bastardo, à rudeza que assumia.
Seu sangue ao da rainha nada parecia.
Contudo que tinha jus ao trono aventava.
Dizia-se enviado divino, assim reinava.
Vivia e envelhecia com a cruz e a espada.
No ócio da nobreza vendo a gleba suada.
Teve seis filhos bastardos, todos morreram.
Seis é um número impuro. Outra filha, esconderam.
Pois o Rei e os seis cometeram desiguais,
Todos vis, os sete pecados capitais.

Capítulo VIII

O rei: soberbo, urdia verbos de desdita,
De ecos nos filhos como blasfema maldita.
O primeiro: glutão, morreu louco do ventre.
O segundo: vaidoso, morreu constringente.
O terceiro: irado, morreu pela agressão.
O quarto: avarento, morreu de inanição.
O quinto: luxurioso, morreu na orgia.
O sexto: preguiçoso, morreu de atrofia.
Macilento sobre o trono, o Rei assombrava.
De rir-se, queimado de febre delirava.
Pois um a um, seus seis arcanos feneceram.
E a filha misteriosa, nos véus esconderam.

Capítulo IX

Um dia ao reino um estranho pede entrada.
 E à frente vem a bravíssima guarda armada.
 Era um monge no aspecto, com uma paz no peito.
 Se passivo, viço ao campo, seria aceito!
 À leiva juntou-se aos pobres trabalhadores.
 De face calma, revelou os seus pendores.
 Que foi instruído nos provérbios de Salomão,
 Nas leis do espírito, evangelho e Platão.
 Trazia todo o resumo da esfinge na alma.
 De olhar penetrante, mas que exalava calma.
 Sábio, carismático, a todos cativou.
 Viram que era o Príncipe que sábio voltou.

Capítulo X

E o sábio Quum, mostrou um abutre em descida,
 Esperando a morte de uma cobra ferida.
 Mostrou-lhes a lição que sem ser águia astuta,
 Com paz e com paciência se vence uma luta!
 E traçado estava sem sangue a derramar,
 Às sendas do sagrado o reino retomar.
 Com água, azeite e incenso, emblemas do infinito,
 E jatos de luz poriam no rei aflito.
 O bastardo Rei Sextus, de olhares convulsos,
 Que o sangue inimigo fartava seus impulsos.
 Era a devassidão que os seios dominavam.
 Ao mormaço do vinho, ilusões que voavam.

Capítulo XI

Uma guerra oculta, numa noite ao luar.
 À espreita a multidão, e o príncipe a guiar.
 De água impregnaram: o pão, o vinho, os celeiros;
 De azeite: o castelo e as armas dos arqueiros;
 No átrio: sete piras de incenso fumacento.
 O vinho enlanguesceu, mofou todo o alimento.
 Do azeite, o rei fez-se um Bobo, andava e caía.
 Deslizava a flecha, o arqueiro se perdia.
 O odor do incenso espalhou qual a aluvião.
 Enleava-lhes a alma, a mente e coração.
 Macilentos um a um rogaram clemência.
 E o Rei Sextus jogou-se da torre em amêncía.

Capítulo XII

E o sábio tornou-se Rei, e o reino encantou.
Do mofo dos celeiros, a gleba adubou.
Todo azeite, com cinzas de incenso extraiu.
No trono perfumado sentou-se e luziu.
E a dos véus, voltou e adoçou sua razão,
Filha do Rei Sextus atou seu coração.
E o que ela queria? Deixo-vos um mistério!...
Se amava ou vingava?... Olhar irônico ou sério?...
São dramas que não se findam. Sendas doridas.
Amor, ódio, poder, morte, traição, feridas.
Um Príncipe exilado que em sábio se fez.
E um Rei bastardo que da torre se desfez.
Livro produzido pela

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

Rio de Janeiro - RJ – Brasil
www.camarabrasileira.com
E-mail: cbje@globo.com

www.luzespirita.org.br